

# LETRAMENTO E A APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS: A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DE GRACILIANO RAMOS NA OBRA *INFÂNCIA*

A escola era horrível – eu não podia negá-la, como negara o inferno. (Graciliano Ramos, *Infância*, “Escola”, p. 97)

John Robert Schmitz  
(UNICAMP)

## RESUMO

Neste artigo examino uma obra de ficção escrita pelo renomado autor brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953). No livro publicado em 1945, Ramos apresenta uma autobiografia de seus anos de leite e do início de sua adolescência. O autor reconstrói os primeiros anos de vida e relembra os eventos trágicos que ele observou e que também vivenciou nas mãos de seu pai e do seu avô e também de alguns de seus professores de escola. A criança Graciliano se refere à dificuldade que tinha em aprender a ler o português. A narrativa serve como crítica do material didático usado nas escolas brasileiras nos primeiros anos do século XX. O livro *Infância* é também é uma denúncia do uso de violência linguística e física por parte de parentes e mestres de escola na interação com a curiosidade natural de crianças com respeito ao mundo em que nasceram. Enquanto o autor é cético com respeito à natureza humana em geral, ele se lembra de um número de indivíduos que eram amáveis com ele e que ajudaram-no a ler e que contribuíram para aproximá-lo às pessoas e à humanidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, alfabetização, narrativa, linguagem, pedagogia, literatura brasileira

## 1. Considerações iniciais

Nesta reflexão, pretendo me ater ao livro *Infância*. Considero a obra uma das mais importantes de Graciliano Ramos, pois ele aborda questões sócio-econômicas, religiosas, educacionais, morais e éticas. Além disso, o autor retrata a vida de uma criança que, na realidade, representa potencialmente *toda* criança brasileira (ênfase minha) nos primeiros anos da vida no contato com a escola e com o mundo dos adultos. Quem quer enveredar na obra de Graciliano, vai se defrontar com uma vasta bibliografia em língua portuguesa e também em diferentes línguas estrangeiras voltadas para a análise crítica da produção literária do autor. Diria que muito menos atenção tem sido dada, por um lado, à análise da linguagem usada por Ramos e, por outro, aos problemas educacionais, especificamente, a aquisição da linguagem e o desenvolvimento da habilidade de leitura, dois processos bastante traumáticos na socialização de certas crianças e jovens.

Divido o artigo em cinco partes. A primeira é esta pequena introdução. Na segunda, comento a conscientização com respeito à linguagem e à gramática ou sintaxe por parte do narrador. Na terceira parte, examino as reflexões do narrador relativas ao fenômeno da aquisição da linguagem. Na quarta seção, refiro-me ao papel da leitura no mundo restrito do narrador-criança. Na quinta parte, argumento que *Infância* representa a “missão” do autor de denunciar uma pedagogia de violência. Na sexta parte, apresento a minha apreciação a respeito da obra.

## 2. A conscientização linguística

Poucos indivíduos recordam os momentos dos primeiros anos de vida, e também poucas pessoas, quando adultos, têm condições de recriar pormenorizadamente a própria infância, colocando as memórias de tempos passados no papel. Quem lê as obras de Graciliano Ramos (1892-1953) tais como *Vida Secas*, *Insônia*, *Memórias do Cárcere* e, em particular, *Infância* provavelmente se lembre do autor francês Marcel Proust, autor de *Em Busca do Tempo Perdido*. Pode-se considerar que Graciliano Ramos é um “Proust” brasileiro. Em *Infância*, publicado em 1945, Ramos narra a sua vida de criança: “Que idade teria eu? Pelas contas da minha mãe, andava em dois ou três anos.” (“Nuvens”, p.7), até o momento do início da puberdade e da consciência de sua própria sexualidade quando informa: “Aos onze anos experimentei grave desarranjo.

[...]. Nasceram-me pelos, emagreci—e nos banhos coletivos do Paraíba envergonhei-me da nudez” (“Laura”, p. 215)<sup>1</sup>.

A obra *Infância* é na realidade uma coleção de 39 contos todos com um título que se refere a um tempo específico na vida do autor (“Manhã”, “Verão”, “Chegada à vila”, “Mudança”) ou a um determinado indivíduo com o qual ele teve contato (“Padre João Inácio”, “D. Maria”, “Meu Avô”) ou ainda a um evento (“Um Incêndio”, “Cegueira”, “Um enterro”). Eles podem ser lidos em conjunto ou muitos deles podem ser lidos separadamente. A obra relata fatos vividos ou até imaginados ou pelo autor. Na verdade, em se tratando da autobiografia de Ramos, diria que a distinção entre ficção e não ficção é algo tênue, pois os lugares e os indivíduos citados existiram e os eventos realmente ocorreram de uma forma ou outra. É possível pensar que tudo na obra *Infância* realmente ocorreu na vida de Graciliano, mas o autor, como artista, e graças a sua imaginação e criatividade, pode ter construído a sua ficção para ser “melhor do que a vida” ou “better than life” (KOLICH, 1983). Embora seja um livro de memórias, o texto não é uma autobiografia “seca”, um relato de acontecimentos até banais na vida de um indivíduo. Diria que *Infância* sai do meramente pessoal para retratar *n* crianças no Brasil ou em outras países. Daí se vê a universalidade da obra. Penso que houve eventos na vida dele que não entraram na sua ficção pois alguns foram omitidos por não serem corriqueiros e não dignos de “contar” e outros foram incluídos e reelaborados ou reconstruídos para efeitos artísticos. Simplesmente confessar é uma coisa, mas criar ficção é outra.

Para certos leitores a obra tende a ser bastante deprimente. Ramos não fantasia a realidade vivida. Há episódios marcantes que espelham a infância nem sempre muito feliz de Graciliano-criança. Resgatar da memória a cena em que a criança injustamente levou do pai uma surra por causa de um cinturão que o próprio pai extraviou (“Um cinturão”, p.28), recuperar dos tempos passados os momentos terríveis de dor que Graciliano sofreu devido a uma oftalmia (“Cegueira”, p.119) e reconstruir a morte de pessoas num incêndio de casas (“Um Incêndio”, p.76), todos os momentos marcantes, contribuem para espelhar uma infância nada feliz.

Na obra *Infância*, o leitor depara com três narradores: o narrador-adulto, que também faz o papel do narrador-criança e narrador-adolescente. Estes narradores são conscientes, confiáveis e convincentes.

Sendo um livro de memórias, o narrador-criança naturalmente recorre, em muitos momentos da narrativa, à primeira pessoa singular (em itálico):

(1) A primeira coisa que *guardei* na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta (“Nuvens”, p.7).

(2) *Mergulhei* numa cumprida manhã de inverno (“Manhã”, p.17).

(3) Aos nove anos, *eu era* quase analfabeto (“Os Astrônomos”, p. 168).

Em outros momentos, o narrador-criança recorre à primeira pessoa plural com o intuito de falar em nome de parentes, de companheiros de escola e de amigos tornando assim a porta-voz dos diferentes grupos:

(4) Julgo que *aguentamos* cascudos por não *termos* a beleza de Mocinha (“Manhã”, p.22).

(5) *Éramos* repreendidos e batidos (“Verão”, p.27).

(6) Eu e minhas irmãs *revolvemos* a tulha cor de ouro, espalhando o arsênico. Dispensou-se o trabalhador – e *nós nos encarregamos* gostosamente da tarefa (“Padre João Inácio”, p.56).

O narrador-adulto recorre ao uso do pronome *a gente* que funciona sintaticamente como o pronome pessoal *nós*. Do ponto de vista linguístico, a presença de *a gente* presta certa informalidade à narração, pois é a criança Graciliano que faz uso da palavra:

(7) ... *a gente* se sentava e ouvia as emboanças do criado, um caboclo besta e palrador (“Padre João Inácio”, p.55).

(8) Em tempo de inverno *a gente* andava com dificuldade no calçamento de pedras soltas, entremeadas de barrocas (“Adelaide”, p.149).

(9) Os olhos tinham um brilho seco, fixam-se *na gente* com impudência (“A Criança Infeliz”, p.214).

O uso de “a gente”, isto é, a sua gramaticalização (ZILLES, 2005, p.19) como pronome por parte de Ramos pode surpreender, acredito, os puristas, (até os de hoje em dia!), pois alguns gramáticos não consideram a referida forma pertencente à norma culta. Diria que nenhum gramático ousaria criticar o português do autor. Sem dúvida, Graciliano empregou o referido pronome desde criança e graças ao seu bom ouvido, reproduz na língua escrita “a gente” como pronome sujeito (“*a gente* andava com dificuldade”) ou como pronome preposicional (“fixam-se *na gente* com impudência”).

Zilles (2007, p.30) comenta nestes termos:

Há múltiplas reorganizações gramaticais em curso no português do Brasil. Um desses processos é justamente o incremento no uso da *a gente* como pronome pessoal de primeira pessoa do plural.

Cabe observar que o uso de *a gente* como pronome pessoal não é um fenômeno tão “novo” como muitos pensam, pois *Infância* foi publicado em 1945 e o autor devia ter ouvido (e ter usado) *a gente* como pronome desde criança<sup>2</sup>.

Quem fala, na maior parte das vezes é uma criança e no passar do tempo é o adolescente que confessa a sua paixão por uma moça com o nome de Laura. O narrador nos confessa a sua consternação nestes termos:

(10) Se via a pequena, acovardava-me, balbuciava um cumprimento – e distanciava-me, raspando as paredes, batendo nas ombreiras das portas, sacudindo uma pilha de livros segura por dois cadarços (“Laura”, p.217).

Mas, do ponto de vista linguístico, a linguagem utilizada não é de uma criança e também não é de jovem adolescente. A voz é do narrador-adulto que apresenta um português sempre formal, sintaticamente culto, com uma riqueza e precisão vocabular. Segundo Reuter (2004, p.39), Ramos seria logicamente o narrador e a voz de criança e mais tarde jovem seria o narratório<sup>3</sup>. O narrador faz uso de vocábulos cultos. Bastam dois exemplos: “propender” e “enregelar-se”:

(11) Sentia o coração pesado, um bolo na garganta, e *propendia* a alarmar-me também (“O Fim do Mundo”, p.63).

(12) A chuva oblíqua *enregelava*-nos (“Vida Nova”, p.52).

Quanto à sintaxe, o trecho em que o narrador usa a mesóclise mostra um português que obedece às regras da norma culta escrita da época da publicação da obra:

(13) *Demorar-me-ia* nas esquinas, escutando histórias curiosas, *deitar-me-ia* nas calçadas, *juntar-me-ia* aos garotos sujos e turbulentos. Permanecendo isolado, *incorporar-me-ia* a todos os grupos (“Pádre João Inácio”, p.59).

As recordações e os sentimentos são de Graciliano criança ao passo que a linguagem escrita é do Graciliano adulto<sup>4</sup>. Na segunda parte deste trabalho, veremos a dificuldade que o narrador-criança tinha com relação à aprendizagem do português escrito e também com a leitura. O que comove é o fato de que aquele garoto do Nordeste

brasileiro, que relata as agruras na escola e que sofreu tanto na mão de professores e do próprio pai, chegou a ser um dos maiores escritores da língua portuguesa. Na próxima parte, vou comentar o contato da criança com as letras, com a escola e a (des)vivência com determinados adultos.

### 3. A aquisição da linguagem

#### 3.1. As primeiras letras

Muito apropriado é o nome do primeiro “capítulo” intitulado “Nuvens”, pois o narrador resgata imagens fugidias do início de sua própria consciência como indivíduo num mundo desconhecido e estranho. Ele caracteriza esse mundo como “ilhas esboçando-se no universo vazio”, percebe “fragmentos de pessoas”, “figuras indecisas” e “lugares imprecisos” e tem lembranças vagas do “ambiente” onde cresceu como “pequeno animal”. Para ele, “coberto por “nuvens espessas”, é difícil distinguir o que é real do que é sonho; a recordação de “alguns minutos longínquos” ou de “alguns minutos” levava-o a pensar que a sua cabeça “não fosse boa” e “bastante ordinária”.

O narrador informa que ele e sua família utilizaram a escola para pernoitar durante a viagem de mudança de uma cidade alagoana para outra, em Pernambuco. Daí se vê que as nuvens que caracterizam os primeiros anos da vida abriram-se, em certos momentos de sua infância, para Graciliano ver nitidamente uma escola primária da roça nordestina onde ele ouviu “a toada única” das crianças na soletração das letras.

(14) ...em seguida, vejo uma turvação, um nevoeiro (“Padre João Inácio”, p.60)

Mesmo assim, ele se lembra “perfeitamente” de estar numa sala grande, repleta de gente onde. Nela,

(15) (um) velho de barbas longas e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: – Um *b* com *a...* *b*, *a: ba*; um *b* com *e...* *b*, *e: be* (“Nuvens”, p.8).

#### 3.2. A aquisição de vocabulário

As crianças no início da aquisição da linguagem tendem a generalizar. Se o primeiro quadrúpede visto por elas for um cavalo, todo animal de quatro patas observado subsequentemente também é nomeado “cavalo”. Graciliano relata que um vaso de pitombas foi “a pri-

meira coisa que guardei na memória” (“Nuvens”, p.7). Ao passar pela escola rural que servia de pouso para a família, ele observa um pátio onde “cresciam árvores enormes, carregadas de pitombas” (p.8). Com certa irritação, a criança informa: “Alguém mudou as pitombas em laranjas. Não gostei da correção: laranjas, provavelmente já vistas, nada significavam”. (p.8). Com base na experiência limitada do mundo, a criança de aproximadamente três anos que somente conhecia a água contida num pote ficou surpresa pela primeira vez que se depara com um volume grande de água:

(16) O que então me pasmou foi o açude, maravilha, água infinitiva onde patos e marrecos nadavam. Surpreenderam-me essas criaturas capazes de viver no líquido (“Nuvens”, p.12).

Na sua memória aparecem pessoas (o professor e os alunos) e “... sons estranhos também surgiram: letras, sílabas, palavras misteriosas. Nada mais” (p.9). Trata-se de um narrador consciente de si com plena consciência da presença da linguagem ao seu redor. O comentário mostra o papel do contexto na aquisição de vocabulário. Mais adiante, Graciliano se refere novamente a pitombas e liga a recordação de como ele adquiriu ainda outro vocábulo:

(17) Positivamente havia pitombas e um vaso de louça, esguio, oculto atrás de um móvel a que a experiência deu o nome de porta (“Nuvens”, p.9).

De fato, a nomeação das coisas vem com o uso constante na presença de outros falantes, isto é, “a experiência”.

Em outro momento, Graciliano acordou assustado na cozinha de um lugar onde a família dele estava de passagem. Repentinamente ouviu um homem perguntar para outros como se deve proceder para assar um bacalhau. Veio a resposta: “- Faz-se um grajau de madeira.” E a criança pergunta para si: “Grajau? Que seria grajau? Tornei a mergulhar no sono, um sono extenso” (p.9). Quantas palavras as crianças ouvem ao longo do processo de aquisição da linguagem. Em outros momentos, ela pergunta o que significam os vocábulos *papa-lagartas* (“Chegada à Vila”, p.39) e *sapo-boi* (“Vida Nova”, p.53) e pede explicação a respeito de “... uma árvore pelada, muito diferente do pé de turco do meu quintal” (“Uma Bebedeira”, p.34). Nem sempre os adultos satisfaziam a curiosidade de Graciliano.

No caso específico de Graciliano que relata o sofrimento durante um período de cegueira, ele desabafa:

(18) Na escuridão percebi o valor enorme das palavras. [...] Os meus ouvidos aguçavam-se, reconstituíam frases indistintas, supriam lacunas – e isto encurtava o alongava o tempo (“Cegueira”, p.122-3).

A perda da visão por um tempo determinado, sem sombra de dúvida, contribuiu para aguçar a sensibilidade de Graciliano com respeito às pessoas ao seu redor. Sem poder enxergar, ele confessa que, mesmo com “as pálpebras coladas”, conseguiu “ver” o lado cruel dos indivíduos e também conseguiu fixar “na imaginação” o lado bom deles. (“Chico Bento”, p.129).

### 3.3. Contatos com outras pessoas: o ensino informal

O pequeno narrador considera a sua infância como uma “hibernação”, momentos em que estava adormecido e outros em que estava acordado vislumbrando “figuras indecisas” (“Nuvens”, p.9). Ele se refere a alguns indivíduos brevemente, mas escolhe as pessoas que lhe deram atenção, descrevendo-as com bastante detalhe. Na sua memória, “[M]ais vivo que todos, avulta um rapagão apumado e forte, de olhos claros, risonho” (p.9), que se tornou amigo de Graciliano “... com barulho, exclamações, onomatopeias e gargalhadas sonoras” (p.9). O amigo segura-o pelos braços, dança e rodopia e Graciliano recupera as palavras de uma cantiga que ouviu da boca de José Baía: Eu nasci de sete meses, / Fui criado sem mamar. / Bebi leite de cem vacas / Na porteira do curral.

O carinho sincero e puro por parte de José Baía em relação a Graciliano contrasta dramaticamente com as recordações dos seus pais:

(19) Meu pai e minha mãe conservavam-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, finas e leves, transparentes. Ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas, batecum de sapatões no tijolo gasto. Retalhos e sons dispersavam-se. Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos, pavor (p.11-2).

## 4. O papel da leitura na “leitura” do mundo

O ambiente familiar em que Graciliano nasceu não foi um lar iletrado. Diferente do romance *Vidas Secas* que retrata o sofrimento de flagelados da seca e principalmente pessoas com pouco ou nenhum letramento, no universo de Graciliano havia pessoas que sabiam ler e escrever. Graciliano informa que o pai lia o necessário na qualidade

de fazendeiro e mais tarde comerciante na cidade de Buíque; ele examinava faturas e fazia “cálculos a lápis em pedaços de papel de embrulho” (p.50), mas antes informa:

(20) Desconfiava dos livros, que papel aguenta muita lorota, e negou obstinadamente os aeroplanos (“A Vila”, p.46-7).

A mãe de Graciliano lia, em voz alta, partes de um romance, segundo ele, “numa linguagem capenga” e com sintaxe e vocabulário que “... diferiam bastante do que usamos comumente” (“Nuvens”, p.13-4). A mãe, deitada na rede, recitava uma cantiga sobre um menino, filho de “um vigário amancebado” que foi maltratado pelo pai e pela companheira do padre. Como vingança, o menino amarrou e acendeu um pano molhado de querosene na cauda de um gato. Graciliano informa que, por um lado, admirou a coragem do menino em se vingar dos seus pais, mas por outro, ficou envergonhado por causa da terrível crueldade do ato.

É importante observar que a mãe não estava propositalmente “lendo” ou declamando para a instrução do seu filho. Ela nem sempre percebia que ele estava por perto quando ela estava deitada na rede. É também importante notar que a fonte da cantiga é “um romance de quatro volumes, lido com apuro, relido, pulverizado, e contos que me pareciam absurdos” (p.14). Daí se vê que o relato oral feito pela mãe de Graciliano tem a sua base numa obra de ficção. Não seria, na verdade, um caso de ficção dentro de uma obra que mescla eventos realmente ocorridos na vida do autor com elementos fictícios? Do ponto de vista linguístico, a criança Graciliano teve, graças à oralidade espontânea da mãe, contato com a linguagem e com a literatura popular da região nordestina.

Graciliano foi exposto forçadamente à literatura religiosa “folhetos de capa amarela, publicação dos salesianos” (“O Fim do Mundo”, p.62) que a sua mãe lia com frequência. Os textos da época vinham com a previsão da chegada de um cometa que ia chocar com a terra. A ideia de que o mundo ia acabar num grande incêndio contribuiu em muito para afligir a mãe dele. Quanto mais ela se perturbava com a notícia do fim do mundo, quanto mais o filho duvidava do prognóstico. A menção do vocábulo *inferno* por parte da mãe desencadeou vários questionamentos por parte do filho: “Eu queria saber se a senhora tinha estado lá?”; – “Os padres estiveram lá?”. As perguntas

renderam a Graciliano “chineladas e outros castigos oportunos” (“O inferno”, p.68-9).

Daí se vê que o contato com textos religiosos serviu para a construção de uma visão cética com respeito à religião e também com respeito ao comportamento humano. As perguntas feitas pela criança a sua mãe são até engraçadas, pois as crianças tendem a acreditar no que adultos dizem a respeito do inferno e até ficam amedrontados com a existência de tal lugar.

## 5. A missão do autor: denúncia contra uma pedagogia de violência

### 5.1. Como não ensinar a leitura

Aprender a ler e a gostar de ler foram atividades excruciantes ao longo da infância de Graciliano. Ele confessa que o pai tentou ensiná-lo a ler, mas com resultados desastrosos.

(21) Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. [...]. Uma vez por dia um grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. [...] Livrava-me do aperto crismando as consoantes difíceis: o T era um boi, o D uma peruinha. Meu pai rira da inovação, mas retomava depressa a exigência e a gravidade. Impossível contentá-lo. É o côvado me batia nas mãos (“Leitura”, p.90-2).

Graciliano também não escapava das lições de leitura do seu avô paterno. Ele compara o procedimento do avô com o da professora d. Maria:

(22) Mas o velho dava às letras nomes desconhecidos, lia de forma esquisita – e eu lamentava a ausência de d. Maria, a excelente mestra que me deixava errar, murmurava conselhos com doçura, como se pedisse desculpa. Meu avô era exigente. Detinha-se numa desgraçada sílaba, forçava-me a repeti-la e isto me perturbava (“Meu Avô”, p.113).

Estas humilhações constantes contribuíram para implantar em Graciliano uma falta de estima e um sentimento de inferioridade. Em vários momentos, ela revela a sua infelicidade:

(23) Não me defendi, não mostrei as razões que me fervilhavam na cabeça, a mágoa que inchava o coração. Inútil qualquer resistência (“Escola”, p.97).

As censuras afligiram-no e a conscientização de sua dificuldade

de entender a palavra escrita chegou a ser um sério problema pessoal, pois “... aos sete anos de idade, no interior do Nordeste, ignorante da minha língua (“O Barão de Macaúbas”, p.111), ele confessa que foi obrigado a ler Camões e anos mais tarde, o sofrimento continua: “... [A]os novos anos, eu era quase analfabeto” (“Os Astrônomos”, p.168).

## 5.2. O aluno crítico

Embora revoltado com as correções agressivas e as punições físicas que dificultavam o seu aproveitamento didático, Graciliano se mostrou bastante crítico, quando criança e mais tarde quando adolescente, às práticas escolares vigentes na sua época. Em primeiro lugar, ele se aborrece com a linguagem bombástica e a falsa sabedoria (*a linguagem magnífica*, “Seu Ramiro”, p.209) que caracterizava a escola no final do século dezanove e nos iniciais do século vinte. Em segundo lugar, ele confessava, em vários momentos, o seu desgosto com a escola que obrigava a memorização e a recitação de fatos somente para ostentar conhecimento: “Ainda que tivesse de cor um texto incompreensível, calava-se diante do professor – e a minha reputação era lastimosa.” (“Jerônimo Barreto”, p.192) Em terceiro lugar, Graciliano condenou o material didático usado na escola, intitulado *O Barão de Macaúbas*<sup>5</sup>.

(24) E logo emperrei na história de um menino vadio que, dirigindo-se à escola, se retardava a conversar com os passarinhos e recebia deles opiniões sisudas e bom conselhos.

– Passarinho, queres tu brincar comigo?

Forma de perguntar esquisita, pensei (“O Barão de Macaúbas”, p.107).

Com respeito à obra *O Barão de Macaúbas* que tanto Graciliano detestava, Franca Macedo (2008, p.22) tece os seguintes comentários:

Dada a sua função, este tipo de literatura assemelha-se, portanto, ao “catecismo”, aos dogmas que “são porque são”. Não há, nessas escrituras, a perspectivização dos pontos de vista, sua problematização. Eles situam-se, tal qual romances de tese, no intervalo 0-1, do verdadeiro ou falso, espaço em que somente cabe ao leitor aceitar ou não o ponto de vista expresso.

Embora Valdez (2010) não se refira à ojeriza por parte de Graciliano com respeito ao material de leitura que foi obrigado a ler, a autora mostra o tipo de infância que foi idealizada pelos educadores

no tempo de nosso autor. Ela escreve a respeito das lições dos livros didáticos:

(...) usar a verdade e nunca a mentira, investir no asseio para se opor à sujeira, ter um bom comportamento e não fazer travessuras, ser sempre gentileza e nunca injustiça [...] amar sempre e evitar a cólera...

Daí se vê que Graciliano não viu os referidos valores sendo praticados na sua vivência com os pais, parentes e pessoas (excetuando alguns indivíduos) com os quais ele teve contato no dia a dia.

### 5.3. Vencendo obstáculos: tornando-se um verdadeiro leitor

Na última parte de *Infância*, Graciliano, já adolescente, expõe a sua dificuldade de ler textos a sua prima Emília, solicitando que ela o ajudasse com a leitura. Emília sugeriu que ele tentasse ler sozinho e para incentivá-lo, ela deu como exemplo o caso dos astrônomos que enxergam no céu “coisas tão distantes”. Ela argumentou que seria bem mais fácil para ele decifrar o que estava escrita na página aberta de um livro. E assim nasceu um verdadeiro leitor!

(25) Personagens diminutas cresciam, vagarosamente me penetravam na inteligência espessa. Vagarosamente (“Os astrônomos”, p.172).

Alguns anos mais tarde, numa aula de geografia, Graciliano, já adolescente, mostra que é um leitor autônomo, pois ele se apropria da matéria e fica pessoalmente envolvido com o conteúdo das leituras. Eis o verdadeiro objetivo da aula de leitura.

(26) Num desconchavo, referi-me à catedral de Notre-Dame e ao Vesúvio familiarmente, como se os tivesse visto. Além disso, arrolei plantas e animais exóticos: carvalhos e pinheiros, vinhedos e trigais, lobos e javalis, melros e rouxinóis (“Jerônimo Barreto”, p.192).

### 5.4. *Infância*: Um depoimento de reconhecimento e de agradecimento

Muitos leitores de Graciliano Ramos consideram as suas obras amarguradas e tristes. Sem dúvida, *Infância* descreve os anos de leite e a juventude, repletos de sofrimento, não somente por parte do protagonista, mas também por parte de outros indivíduos que figuram na obra. Todavia, existe uma nota positiva na obra, pois o autor, no decorrer de sua narrativa e memorial dos “tempos passados” não se es-

quece das pessoas que o ajudaram a chegar a ser um leitor. O romancista condena e critica, mas reconhece a bondade e agradece a ajuda que ele recebeu. José da Luz “... teve influência grande e benéfica na minha vida. Desanuviou-me, atenuou-me aquela pusilanimidade, avizinhou-me da espécie humana. Ótimo professor” (“José da Luz”, p.88). O narrador homenageia a pessoa de Jerônimo Barreto que abriu a sua biblioteca particular, emprestando-lhe *O Guarani* de José de Alencar, obras de Joaquim Manuel de Macedo e de Júlio Verne.

(27) A única pessoa real e próxima era Jerônimo Barreto, que me fornecia a provisão de sonhos, me falava na poeira de Ajácio, no trono de S. Luís, em Robespierre, em Marat (“Joaquim Barreto”, p.193).

Trata-se da passagem da fase de alfabetização para o letramento. Graciliano critica duramente o descaso e a falta de humanidade de seus mestres de escola. Mas, dedica um capítulo a d. Maria. Ele escreve:

(28) Aquela brandura, a voz mansa, a consertar-me as barbaridades, a mão curta, a virar a folha, apontar a linha, o vestido claro e limpo, tudo me seduzia (“D. Maria”, p.100-1).

## 6. Concluindo

Embora o autor se refira a sua dificuldade pessoal com a escola, com a aprendizagem de leitura e com a linguagem escrita no contexto brasileiro, pode-se argumentar que a obra é universal, pois aborda problemas que muitas crianças no mundo inteiro enfrentam – professores que não sabem motivar o desenvolvimento de leitura, que fazem uso do material que não incentiva os alunos. A obra é universal por espelhar, por um lado, a complexidade do comportamento humano e, por outro, por confirmar que existem, até fora do mundo de ficção, em todas as culturas, pessoas como a mestre D. Maria, o generoso Jerônimo Barreto e, em particular, José da Luz que aproximou Graciliano a outros seres humanos. Coutinho (2006, p.44) afirma que a obra *Infância* “não é alegre”. Mas, não poderia ser diferente. O livro não é “água com açúcar” e retrata a vida em si que nem sempre é alegre ou definitivamente *não* (ênfase minha) é alegre (para alguns seres humanos). Todavia, diria que a obra não apresenta uma visão totalmente negativa do ser humano. A existência das pessoas que foram generosas com Graciliano contribuiu para removê-lo de uma postura cínica com res-

peito à humanidade. Para Faria (1945, p.268) o pessimismo e agressividade do narrador são “um reflexo num espelho polifacetado”.

Para concluir, penso que as diferentes cenas de violência, de maldade e de sofrimento tendem a ofuscar, na minha leitura da obra, a presença de certos toques de humor por parte do narrador no seu relacionamento com as pessoas ao seu redor. Por exemplo, a sua mãe acredita piamente, com base na literatura religiosa que naquela época circulava no país, que um cometa ia acabar com o mundo. Graciliano reflete:

(29) É padre João Inácio. Quem tinha contado ao sujeito do livro que Deus resolvera matar padre João Ignácio? Padre João Inácio era poderoso. Recusei o vaticínio, firme. Conversa: o mundo não ia acabar. (“O Fim do Mundo”, p.64-5).

Existem outros exemplos de humor que os leitores podem facilmente encontrar na leitura ou numa releitura de *Infância*. Fica aqui a sugestão para novas pesquisas.

## ABSTRACT

I examine in this article an important work of fiction by the renowned Brazilian writer Graciliano Ramos (1892-1953). In the novel *Infância* published in 1945, Ramos presents an autobiography of his childhood and early adolescence. The author reconstructs the early years of his life and recalls the tragic events that he witnessed and also experienced in the hands of his father, grand-father and some of his elementary school teachers. Young Graciliano refers to his difficulty in learning how to read Portuguese. His narrative serves as a criticism of teaching material used in the schools in Northeast Brazil in the early 20<sup>th</sup> century. *Infância* is also a condemnation of the use of linguistic and physical violence on the part of parents and teachers in their dealings with the natural curiosity of children about the world they are born into. While the author is skeptical about human nature in general, he remembers a number of individuals who were kind to him, helped him to learn how to read and contributed to bringing him closer to humankind.

KEY WORDS: reading, literacy, narrative, language, pedagogy, Brazilian literature

## REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Fernanda. Lembranças Fragmentadas de menino. *Entre Livros*, 19, 2006, p. 42-44.
- FARIA, Octavio de. *Graciliano Ramos: Insônia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1945.
- KOLICH, Augustus M. Does fiction have to be made better than life? *Modern Fiction Studies*. v. 29, 2 (Summer), 1985.
- MACEDO, Maria Núbia Franca de. O leitor e a experiência estética em Graciliano Ramos: uma incursão nas obras *Infância*, *São Bernardo* e *Angústia*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2008.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VALDEZ, Diana. Livros de leitura: A infância nas linhas e nas imagens (1890/1950). [http://www. Alb.com.br/anais\\_14/Cohilile/HO25](http://www.Alb.com.br/anais_14/Cohilile/HO25) [acessado em abril/2010].
- ZILLES, Ana Maria S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*. v. 17, 2005, p. 19-53.
- \_\_\_\_\_. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 43, 2, 2007, p. 27-44.

## NOTAS

<sup>1</sup> As citações retiradas da obra são da edição Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros. Graciliano Ramos, *Infância*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2008.

<sup>2</sup> Há um trabalho anterior a dois textos de autoria de Zilles sobre o uso de a gente em obras literárias. John Robert Schmitz, *The Linguistic Flexibility of “a gente” in Brazilian Portuguese*, *Hispania*. v. 56, 3, 1973, p. 369-644.

<sup>3</sup> Reuter (2004, p.39) define o narratório nestes termos: “O narratório é cons-

tituído pelo conjunto dos signos que constroem a figura daquele para o qual a história é contado no texto.”

<sup>4</sup> A linguagem usada por Ramos é a de adulto, diferente da linguagem de um adolescente norte-americano repleta de gíria, palavras chulas e desvios da norma culta variedade estadunidense retratado no romance *The Catcher in the Rye* (O Apanhador no Campo de Centeio) de J. S. Salinger. (Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1976.

<sup>5</sup> O material didático, publicado em 1868, pelo Dr. Abílio César Borges (O Barão de Macaúbas), intitulado *O Terceiro Livro de Leitura* foi usado nas escolas brasileiras ao longo do século XIX. Para uma análise dos livros de leitura usados no Brasil, consulte: Diane Valdez, “*Livros de leitura para infância: fontes para a história da educação brasileira*”. Leitura: Teoria e Prática. Campinas, S.P. v. 22, 43, 2004, p. 17-22.

---

Data de recebimento: 29 de março de 2010

Data de aprovação: 20 de maio de 2010